

A BELEZA DA FEIURA NA FOTOGRAFIA ARTÍSTICA DE SEBASTIÃO SALGADO

The beauty of ugliness in the artistic Sebastião Salgado's photography

João Elton Jesus¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de fazer uma reflexão estética sobre o feio e sobre a fotografia. Verificaremos a definição e a significância da feiura na história da arte e na própria apreciação estética. Para melhor elucidar essas questões, buscaremos nos apoiar nas obras do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, cujo itinerário vivencial e poético mostra como a beleza do feio pode ser retratada na fotografia como arte, possibilitando, assim, a contemplação estética do interlocutor e a reflexão deste sobre a sua própria condição humana. Desta maneira, primeiramente abordaremos a estética em sua importância filosófica, em seguida apresentaremos o feio e a sua discussão na área da estética e por último a poética de Sebastião Salgado em suas obras *Trabalhadores* (1996) e *Êxodo* (2000).

Palavras-chave: Estética; Feio; Fotografia; Artes; Sebastião Salgado.

Abstract: This paper is intended to make an aesthetic reflection about ugly and about photography. We will check the definition and significance of ugliness in art history and own aesthetic appreciation. To further elucidate these questions, we will seek to support the works of Brazilian photographer Sebastião Salgado, whose experiential and poetic itinerary shows how the beauty of the ugly can be depicted in the photograph as art, thus enabling the aesthetic contemplation of the caller and the reflection of this on his own human condition. In this way, first we discuss the aesthetics in its philosophical importance, then present the ugly and its discussion in aesthetics and finally the poetics of Sebastião Salgado in his works *Workers* (1996) and *Exodus* (2000).

Keywords: Aesthetics; Ugly; Photography; Art; Sebastião Salgado.

INTRODUÇÃO

A palavra estética, na qualidade de disciplina filosófica, foi cunhada no século XVIII pelo alemão Alexander G. Baumgarten (1714-1762) e, também, desenvolvida por Immanuel Kant (1724-1804), na *Crítica do Juízo*, publicado em 1780. Para Estrada Herrero (1998, p. 38) “la estética estudia la belleza y estudia también el arte; y si bien

¹ Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). E-mail: joao.elt@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5339-3870>.

establece una profunda relación de interdependencia entre belleza y arte, no por ello identifica o confunde ambos conceptos”.

Quando falamos de estética no senso comum, logo fazemos uma livre-associação com a beleza, com a harmonia, com o bom gosto, com a perfeição. No entanto, “la belleza no se circunscribe únicamente a los horizontes exclusivos del arte, como tampoco el arte tiene por meta exclusiva la belleza” (IDEM). Assim, há outros elementos que envolvem a arte tal como o sublime e a feiura, aponta Herrero.

Ao estudar estética, não se “puede ignorar en modo alguno las dimensiones psicológicas, cultural e histórica dentro de las cuales ha surgido lo artístico y se han fraguado las vivencias peculiares de la belleza, la sublimidad y la fealdad” (IDEM). Essas vivências da beleza, do sublime e da feiura só são possíveis porque há um objeto estético que suscita tais sentimentos, pois “la estética presupone siempre la experiencia del ‘objeto’ estético – la obra de arte o el objeto natural –, así, como los sentimientos y vivencias de belleza, sublimidad y fealdad de los juicios que formula” (IDEM).

A estética como disciplina filosófica se debruça sobre duas polaridades que envolvem o subjetivo e o objetivo. O aspecto objetivo compreende o objeto estético que Herrero denomina como “obras de arte” - aqueles objetos criados pelo homem que, por suas características intrínsecas e pelos efeitos que produzem, mostram uma identidade própria que os distingue de todos os demais objetos, também feitos pelo homem-; e as obras da natureza - aqueles objetos não feitos pelos homens, a que referimos como “belezas naturais”, e que suscitam sentimentos e valorizações muito parecidas com aquelas provocadas pelas formas artísticas.

Nesse sentido, os objetos estéticos “constituyen el contenido de la estética y el tema de su reflexión” (IDEM). Esses que podem ser feitos pelo homem ou serem naturais, não são produzidos pela própria estética, mas são “algo ya dado – la estética no lo determina, sino que lo encuentra, lo descubre. Y por esta razón no es la estética una ciencia del “debe ser”, sino de hechos consumados” (IBID, p.40)

No seu aspecto subjetivo, a estética remete-se para a totalidade das respostas espirituais e psicológicas do homem diante das formas artísticas e culturais. Envolve sensações, vivências, emoções, sentimentos, juízos, valorizações, processos de consciência etc. Também estão relacionados os instintos, a intuição e o inconsciente. Nesse

arcabouço, há a experiência estética que “es ese instante fugaz, tan breve hasta ser casi sin tiempo, en el que el espectador se identifica totalmente con la obra de arte que está contemplando” (IBID, p. 41). Assim podemos confirmar com o autor quando este diz que:

(...) en su análisis de lo artístico, llega un momento en el que la estética cobra una dimensión antropológica. En las obras de arte, dice Hegel, el hombre proyecta su propio ser y, objetivándose en ellas, busca conocerse a sí mismo. Este descubrimiento del ser del hombre en el arte constituye una de las facetas más interesante a que puede llegar la reflexión estética. Es entonces cuando lo artístico se alza victoriosamente por encima de los condicionantes temporales de estilo, época y gusto y se muestran con la significación y vigencia perennes que caracterizan a todo lo esencialmente humano (IBID, p. 42).

É importante ressaltar que a estética não é prescritiva no sentido de fazer um objeto estético belo. “la estética no legisla cánones artísticos ni dicta normas de preceptiva, sino que intenta descubrir y explicar racionalmente los contenidos objetivos y de experiencia subjetiva que se enmarcan en lo artístico” (IBID, p. 40). Conforme também afirma Luigi Pareyson (1997, p. 08), “os perigos que a estética pode expor-se é o risco de confundir-se com a crítica ou a histórica ou a técnica da arte”.

Deve-se, portanto, levar em conta que a reflexão estética não tem nem caráter normativo, nem valorativo, ela especula e não legisla, ela estrutura a forma da experiência estética. Assim, a estética, portanto, não pode pretender estabelecer o que deve ser a arte ou o belo, mas, pelo contrário, “tem a incumbência de dar conta do significado, da estrutura, da possibilidade e do alcance metafísico dos fenômenos que se apresentam na experiência estética” (PAREYSON, 1997, p. 04).

Nesse sentido, a estética é e não pode deixar de ser filosofia. Pareyson (Idem) ainda afirma que ela “só pode salvar-se na sua autonomia – sem reduzir-se a crítica, ou a poética, ou a técnica – sob condição de apresentar-se como indagação puramente filosófica, isto é, como reflexão que se constrói sobre a experiência estética e por isso, não se confunde com ela”. Desta forma concordamos com o autor quando este diz que

a estética é filosófica justamente porque é reflexão especulativa sobre a experiência estética, na qual entra toda experiência que tenha a ver com

o belo e com a arte: a experiência do artista, do leitor, do crítico, do historiador, do técnico da arte e daquele que desfruta de qualquer beleza. Nela entram, em suma, a contemplação da beleza, quer seja artística, quer natural ou intelectual, a atividade artística, a interpretação e avaliação das obras de arte, as teorizações da técnica das várias artes (IBID, p. 5).

Quando verificarmos a realidade, observamos que nem tudo é belo, nem todas as coisas se mostram como simétricas, perfeitas e harmoniosas, há o feio, há o “não sei o que” que ao mesmo tempo que pode ser exprimido ao contemplarmos o belo, pode ser usado para dizer sobre o feio. Há algo que faz com que gostemos de algo ou não gostemos de alguma coisa.

No entanto, algo que inquieta e traz alguma curiosidade é que é possível verificar uma certa beleza até mesmo em coisas, imagens, objetos, realidades que seriam atribuídas como feias. A história da arte está repleta de obras das mais variadas poéticas onde o feio é representado de forma magistral. Assim, a feiura se mostra como bela, não no sentido de perfeição e harmonia tal como a beleza é situada em si mesma, mas como algo que leva o apreciador a ter sentimentos que vão desde o asco ao encantamento, ou até mesmo ao sublime.

Diante de uma imagem como a *Guernica*, onde Pablo Picasso apresenta as mazelas causadas pela Guerra, ou mesmo frente à série *O Grito* de Edvard Munch ou ainda ao contemplar *Os Retirantes* de Cândido Portinari, que estampa a fome e a dor em rostos sofridos ali retratados, como não se espantar com a feiura das situações representadas e não se encantar com a beleza em que essas foram retratadas por seus artistas?

Percebe-se que, ainda que o Belo e a Beleza sejam tidos como principais assuntos da estética, o feio, a representação do grotesco, também é algo que chama a atenção do apreciador e move-nos a perguntarmos como se constitui essa relação estética com o feio. Deste modo então, faz-se necessário um aprofundamento da estética, do seu papel no cenário filosófico e de como esta lida com a Feio e com a Feiura, tal como faremos na primeira parte deste estudo.

Ainda no campo da estética, como se as inquietações acima não fossem suficientes, também nos debruçaremos sobre a feiura a partir da perspectiva apresentadas nas obras de Sebastião Salgado, um dos mais renomados fotógrafos da

contemporaneidade. Em suas obras, Salgado representa o feio, seja na miséria da África ou no sofrimento dos trabalhadores. Contudo, tal como dissemos alhures, tais imagens, embora apresentem uma temática que se associa ao feio, a ponto de muitas vezes causar repulsa e estarrecimento sobre aquele que contempla esteticamente tais obras, também apresenta uma certa beleza.

a. O feio, o grotesco... a feiura

Quando falamos de belo e de feio, em algumas interpretações, esse binômio pode ser tido como apenas gosto ou contexto, outras explicações, por sua vez, associariam aos padrões estabelecidos de beleza, por contraste, então seria definida a feiura. Na obra *A história da feiura*, Umberto Eco afirma a relatividade do belo e do feio em relação ao tempo e às culturas, contudo, esse autor, também busca verificar o que constituiria o padrão e um modelo estável para a feiura. Recuperando Nietzsche em *O Crepúsculo dos Ídolos*, Eco ressalta a seguinte afirmação do mestre da suspeita:

O feio é entendido como sintoma de degenerescência (...) cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço, toda espécie de falta de liberdade, como a convulsão, como a paralisia, sobretudo o cheiro, a cor, a forma da dissolução, da decomposição (...) tudo provoca a mesma reação: o juízo do valor 'feio'. (...) o que odeia aí o ser humano? não há dúvida: o declínio do seu tipo (ECO, 2007, p.15).

Nesse sentido o feio seria uma representação da degeneração daquilo que é o belo. Ora se o belo é a perfeição, a simetria, a harmonia entre luz e sombra, entre cores e tonalidades, o feio representaria o seu oposto. Contudo, não se trata somente de questões técnicas pois o tema a ser tratado pode ser feio, assim, a feiura se constituiria como aquela que apresenta o “defeito”, a “falha”, o “lado negativo” do padrão que temos de beleza. No caso de pessoas, a feiura seria uma dissolução daquilo que esperamos ser um ser humano bonito, com suas partes, curvas e pesos em harmonia. Em suma, podemos afirmar com Eco de que o feio é aquilo que é:

repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante,

assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (...) (ECO, 2007, p. 19).

Continuando com Eco, esse autor afirma que há três fenômenos de feiura: a) o feio em si, que ele exemplifica como um excremento, uma carcaça em decomposição, um ser coberto de chagas; b) o feio formal, que se trata de um desequilíbrio na relação orgânica entre as partes de um todo, como ao deparar com uma pessoa desdentada e ficar perturbado não pela forma dos lábios ou dos poucos dentes faltantes, mas “o fato de os dentes não estarem acompanhados dos outros que deveriam estar naquela boca. (...) (Assim), diante da incompletude daquele conjunto, nos sentimos autorizados a dizer que aquele rosto é feio” (IDEM); e c) a representação artística de ambos.

Embora pensadores como Hegel afirmem a impossibilidade do Mal e do Feio serem pontos de partida para a criação da beleza, pois “a feiura do conteúdo permite menos ainda uma Beleza pura da forma” (HEGEL *apud*. SUASSUNA, 2011, p.235) e ainda acrescentar que, se um artista lança mão do Feio e do Mal em suas obras apenas está “revestindo a podridão com uma bela forma” (IDEM), não há como questionar que o Feio, o horripilante, o asqueroso e o horrível são temas e assunto para a arte e, portanto, devem ser também objetos de estudos da estética.

Para Ariano Suassuna (2011, p. 231) “nem sempre os artistas eram atraídos pelo Belo, isto é, por aquela forma especial de beleza que se baseia naquilo que, na Natureza, já é belo e que se caracteriza pela harmonia serenidade e equilíbrio de proporções”. Nesse mesmo sentido podemos confirmar o que já afirmara Aristóteles em sua *Poética* quando o Estagirita afirma que “nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, como, por exemplo as representações de cadáveres” (ARISTÓTELES, *Poética*, 1448b).

Tal como Suassuna destaca, quando a estética trata do feio, ela não está abordando uma obra de arte feia, mal acabada, com uma elaboração inferior. A “feiura” tratada pela estética é “a boa arte que cria a beleza a partir do feio, e não do belo” (SUASSUNA, 2011, p.232). Como os gregos excluía as reflexões sobre a utilização do feio para a construção da beleza, concordamos com Suassuna quando este diz que foi Santo Agostinho um dos

primeiros a tratar a questão do Feio e do Mal nas obras de arte. Para esse autor medieval, o Feio e o Mal na arte existem para acentuar o Belo e o Bem através de um contraste.

Por isso que Bernard Bosaquet (*apud.* SUASSUNA, 2011, p. 233) afirma que “a essência dessa teoria se estriba em reconhecer o feio como elemento subordinado ao Belo, ao qual serve de fundo para que ele ressalte; contribuindo, porém, para produzir, no conjunto, um efeito que é harmonioso ou simétrico, totalmente ou quase, no sentido tradicional”.

Ainda em seu livro *Introdução à Estética*, Suassuna ressalta a citação de M. Nédoncelle quando diz que “(...) todas as coisas, inclusive o sofrimento e o crime, são chamados a uma salvação estética. É, mesmo, a única salvação que lhes resta (...) O [gênio] os introduz [os seres mais feios] num conjunto mais vasto, como acordes dissonantes em uma sinfonia” (NÉDONCELLE *apud.* SUASSUNA, 2011, p. 234)

No entanto, ainda que se confirme que a estética “salva” a feiura, faz-se necessário buscar uma explicação para o fato de que o Feio representado nas obras de arte também nos conduz à beleza, à contemplação estética e por vezes a um gozo estético que, estritamente dizendo, é muitas vezes associado somente ao Bem e ao Belo. Nesse sentido Suassuna nos apresenta a explicação feita por De Bruyne que afirma o Feio na arte como um meio de fazer-nos captar, de modo intuitivo o sentido da vida e assim percebermos aspectos que hodiernamente não conseguimos admirar.

Nesse sentido, o que faz-nos admirar o Feio é que a sua representação nas obras de arte nos leva a admirar o sentido da vida, tendo em vista que a vida não é composta somente por coisas boas e belas, mas também por uma mistura de sentimentos que envolvem o horror, o temor, a repulsa, a piedade. Assim, De Bruyne afirma a Beleza do Feio porque “ele nos revela o profundo mistério da nossa realidade complexa, porque ele nos faz sentir, num mistério estranho, o valor da nossa vida, a miséria que nos espreita e que contradiz tão cruelmente nossos desejos, nossas esperanças e nossos pensamentos” (DE BRUYNE *apud.* SUASSUNA, 2011, p. 237)

Desta forma, De Bruyne concorda com Kant quando este afirma que “a beleza artística é a bela representação de uma coisa que pode, inclusive, ser feia e repugnante na Natureza” (Suassuna, 2011, p. 237). Essas afirmações embasam Suassuna (*Idem*) quando diz que “a arte do Feio como que nos reconcilia com as contradições, os crimes e a feiura

da vida, por apresentar tudo isso representado num outro universo em que aquilo que é chaga aparece cicatrizado e domado”.

Diante do grotesco apresentado, ficamos chocados pois nos deparamos com o enigma do mundo, composto por contradições, construído com beleza, mas repleto de feiura, de maldade, de pavor, de horror. Na contemplação estética do feio, “atinge-se o subterrâneo da natureza humana e o fundamento de desordem do real, assim colocados diante de nós como uma visão integral do nosso destino, no que tem de belo e bom; mas também no que possui de falhado, de cruel e infortunado” (SUASSUNA, 2011, p.238)

b. A arte fotográfica de Sebastião Salgado

Mineiro, de Aymorés, Sebastião Ribeiro Salgado é considerado um dos maiores fotógrafos contemporâneos. Adentrou pelas veredas da arte da imagem quase por acaso. Formado em economia, em uma das viagens à África que fizeram a pedido do Banco Mundial, levou a máquina fotográfica emprestada de sua esposa e registrou lindas imagens do Continente Negro. Tal experiência encantou o gênio e fez mudar toda a sua vida, onde passou a dedicar-se a registrar as imagens do mundo. Para o jornalista Jânio de Freitas,

Sebastião Salgado é um portador do mistério da arte. O que quer dizer que sua fotografia não se descreve: sente-se. Diante de sua fotografia não se pode sentir, como é usual que as fotografias provoquem, a ternura, ou a contristação, ou a culpa, ou o deleite estético. Diante da fotografia característica de Sebastião Salgado vêm-nos, em uma rajada única, a ternura e a dor, a culpa e o prazer estético. Inseparáveis e indistinguíveis, consistentes e indisfarçáveis, em uma só rajada, todos os ricos sentimentos que a pobreza emocional dos dias de hoje não foi ainda capaz de consumir e devorar. (FREITAS *apud*. SALGADO, As melhores fotos, apresentação).

As fotografias de Sebastião Salgado apresentam um grande retrato do mundo, expostas em milhares de facetas que representam homens e mulheres, crianças e idosos, riquezas e misérias, beleza e feiura espalhados em todos os continentes da Terra. Em seu itinerário como fotojornalista, durante anos a fio, Salgado registrou não somente fatos, não somente notícias, não somente motivações imagéticas para acompanhar reportagens

das maiores revistas e jornais do planeta, em sua peregrinação, terrestre Sebastião registou a alma do mundo.

Tal empresa não é algo fácil de se fazer, somente os grandes gênios da arte conseguiram fazê-la. Alguns a produziram por meio de acordes, sinfonias, melodias e harmonias musicais; outros por meio do mármore, do bronze, do gesso, do ferro; outros ainda, utilizando pincéis, tintas, telas em retratos, paisagens e naturezas mortas; alguns por meio da arquitetura, da jardinagem, do desenho, da xilogravura. Sebastião, homem moderno, sobre(vivente) do terrível século XX e do novo milênio, utilizou ciência e arte, tecnologia e inspiração da arte de fotografar para realizar o seu intento.

Em entrevista, Salgado disse "Espero que a pessoa que entre nas minhas exposições não seja a mesma ao sair" (MURITBIS, 2016). De fato, as impressionantes fotografias cunhadas em preto e branco, buscando a clareza da imagem retratada, levaram ao mundo os mais diversos sentimentos frente as dificuldades, a tristeza, a pobreza e a miséria da vida, tal como se o planeta tivesse perdido a alegria, a vibração e a intensidade das cores.

A poética de Salgado não é feita de toda a gama de cores que a luz pode proporcionar, mas apresenta o colorido da imagem, da cena que ele quer retratar. Embora tenha trabalhado, principalmente no início de sua trajetória, com fotografias em cores, Sebastião percebeu que ao "reduzir" as imagens para preto e branco, ou como alguns preferem, à escala de cinza, poderia "engrandecer" a imagem que estava retratando. Sem o excesso de cores, enfatizava a alma, o sentimento, as luzes e as sombras da condição humana e do próprio universo da Terra.

Em um mundo onde a imagem é quase que significante da vida, as cores muitas vezes são utilizadas para "enfeitar" o feio, tirar a atenção daquilo que é incolor, inosso, aterrorizante, pavoroso. Sebastião não esconde as mazelas do mundo, ele as revela, não somente em seus filmes ou em seu papel fotográfico, ou mesmo em seus diversos livros publicados pelo mundo todo, mas revela o homem ao próprio homem, fazendo-o questionar sobre a sua própria existência e os limites de sua própria ação.

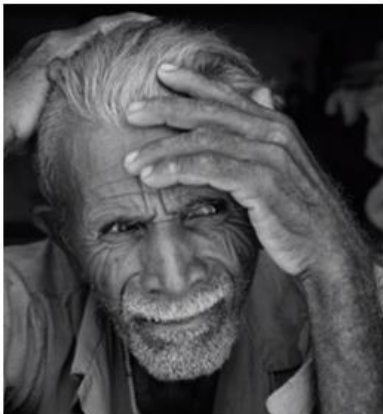
As fotografias de Salgado convidam a reflexões e a sensações acerca de feridas sociais: guerras, misérias, fomes, intolerâncias, injustiças, violências, migrações forçadas, explorações trabalhistas, expropriações do espaço, más condições de vida, tensões nacionalistas e

fundamentalistas. Com olhares atentos e reflexivos, os sentimentos possíveis que emergem das leituras imagéticas destas fotografias são intrigantes: emoção pela beleza da imagem; emoção pela tristeza e, ao mesmo tempo, pela esperança – enunciadas nitidamente em várias expressões corporais e nos olhares apropriados pela fotografia. (PIDNER & SILVA, 2014, p.2)

Diferente de uma fotografia apresentada em uma Rede Social ou um registro de um casamento, de uma festa de aniversário, de uma viagem inesquecível feita com a pessoa amada ou com amigos e familiares, as imagens de Salgado trazem uma narração poética. Há uma intencionalidade que começa com uma grande pesquisa prévia. Com a ajuda de sua esposa, Lélia, o grande artista brasileiro busca narrar uma história, um itinerário, uma ramificação das ações do homem e não o faz por meio de um *lógos* especulativo, tal como a filosofia o faz, também não quer apresentar fórmulas matemáticas ou teorias científicas, ele apresenta a sua arte como forma de conhecimento do mundo. Conforme afirma Harazim (1997, p. 73), “conhecer no vocabulário de Sebastião Salgado, significa fotografar, e fotografar significa conhecer”

A poesia de Salgado é narrada em histórias fotográficas das quais podemos afirmar ser uma trilogia do trabalho desse artista. São elas: *Trabalhadores* (1996), *Êxodos* (2000) e *Gênesis* (2013). Segundo declara esse autor, em documentário realizado em 2012, chamado *Revelando Sebastião Salgado*, o interessante nesses livros de fotografias “é o conjunto dessas coisas, não é só a fotografia que é interessante. É a maneira de utilizar a fotografia, a edição dessas fotografias, a dedicação total em torno dessas fotografias para você poder criar, no fundo, uma linguagem informativa completa”. (SALGADO *apud*. DE PAULA, sp, 2012).

Em *Trabalhadores* esse artista formado em economia quis fazer “uma homenagem aqueles que construíram esse mundo” (id). Durante anos, esse autor percorreu dezenas de países para registrar o processo produtivo do homem. Para ele, *Trabalhadores* conta a história do homem por meio da poética do navio, desde a prospecção do metal nas minas, passando pelas suas diversas fases de produção e utilização, até o seu desmanche em Bangladesh. Esse autor utiliza a técnica do “momento decisivo” onde, com imagens diretas, “procura transmitir em um ‘shot’ todo o drama e impacto da situação observada” (IDEM).



As imagens acima contam histórias de vida compondo a história do mundo, seja através de um idoso camponês do nordeste brasileiro, desolado pela crueldade da seca; seja através de homens e mulheres lutando pela terra e por reforma-agrária; seja pelos dois bombeiros fadigados e inconsolados pelos incêndios em campos de petróleo no Kuwait ou mesmo da luta por uma vida melhor de garimpeiros em busca do ouro na Serra Pelada.

A feiura dessas imagens revela a feiura do sofrimento, da dor, do cansaço, da desolação. O tema é feio, triste, angustiante, mas tal feiura é revestida de uma beleza que chama atenção dos olhos do espectador, o jogo de luz e sombras, as feições colocadas em destaque, fazem com que a contemplação estética nos leve para esses “malditos” ambientes.

A força e intensidade apresentada por Salgado em suas fotografias vem de um grande talento, de uma forte intuição e tecnicamente foi desenvolvida e influenciada por diversos outros artistas, alguns dos quais, o fotógrafo brasileiro, teve a oportunidade de

junto trabalhar em agências francesas de fotografias tal como George Rodger, Cartier-Bresson, Eric Lessing, Peter Marlow. Contudo cada imagem traz aquilo que é próprio do gênio, do autor da obra de arte. Em declaração, Salgado diz o seguinte “Eu fotografei o que foi interessante para mim. O que me deu um grande prazer, o que me deu uma grande revolta, o que era inteiramente compatível com a minha maneira de pensar, com o meu código ético” (SALGADO, s.p., 2013)

Ainda que esse artista afirme seu encanto pela escola Holandesa de Rembrandt e Vermeer com “contornos de luz fabulosos. Um efeito de luz ‘de traz’ muito interessante” (Salgado, s.p., 2012), Salgado afirma que em sua história “desenvolveu uma parte da minha fotografia que é interessante: esse domínio da luz contra a luz e quase toda a minha fotografia é feita contra a luz”.

É a própria alma de Salgado que é colocada em cada uma dessas imagens, por isso esse autor diz “Se você reunir vários fotógrafos num mesmo lugar, cada um fará fotos diferentes. Isso porque, com certeza, eles vêm de lugares diferentes, muito diferentes. Cada um desenvolve a forma de ver em função de sua história” (IDEM).

Assim como expressou a sua visão de economista na obra *Trabalhadores*, através de suas viagens e de sua própria vida, Salgado buscou apresentar ao mundo a sua obra *Êxodos* onde por anos fotografou a realidade de imigrantes e refugiados nas guerras e ditaduras existentes no final do milênio. Tião, como é chamado pelos íntimos, e sua família foram vítimas dessa realidade, já que por dez anos foi impedido de voltar ao Brasil. Naquela época, a pátria mãe do artista vivia a ditadura militar, ele, sua mulher e seus filhos entraram na “lista negra” do governo brasileiro por receber os exilados e torturados do país em sua casa em Paris.



Com esse espírito, o projeto *Êxodos* foi tomando contornos, reforçados pelas próprias experiências que o fotógrafo teve ao se inserir aos milhões de refugiados, principalmente do continente Africano. Ali ele se deparou com o mais intenso sofrimento humano, com a mais forte dor e desespero, estando face a face com a própria morte. Tal como grande gênio e artista, precisava representar e denunciar essa realidade, e assim o fez com a sua arte, a fotografia, conforme podemos ver nas seguintes imagens (SALGADO, 2000)

Através do preto e do branco, Sebastião Salgado diz abstrair todas as coisas e, conforme ele diz, “na dignidade das pessoas, no olhar... eu conseguia me concentrar totalmente, dando um pouco mais de cinza, um pouco mais de preto, um pouco mais de branco, no tema principal que me interessava, no spot da fotografia que a cor não me permitia” (SALGADO, s.p.2012). Assim, em sua arte, ele dava a beleza para a feiura da fome, da desnutrição, da dor, do desamparo e da falta de esperança.

Segundo esse artista “o ato de fotografar é um ato muito forte. É um ato que na realidade, não é só o fotógrafo que faz a fotografia, são as pessoas fotografadas também que te dá muito do que você faz” (SALGADO, s.p., 2014). Dessa forma, o feio é representado, o feio se apresenta e encontra a beleza do artista, formando assim a obra de arte, revelando uma poética, uma história, uma representação do mundo que toca, que produz sentimentos e inquietações. Assim podemos afirmar com Salgado “A força do retrato, é que naquela fração de segundo compreendemos um pouco da vida da pessoa fotografada. Os olhos contam muito, a expressão do rosto também. Quando se faz um retrato não é só você quem tira a foto, a pessoa oferece a foto a você” (IDEM).

Dessa forma a fotografia se transforma em arte, a feiura, ainda que dolorida, inquietante, horripilante, se torna “bonita”, não no sentido de se tornar não verdadeira, mas é apresentada respeitando a dignidade daquele que é retratado, que ainda que esteja definhando, pode e deve ser representados pela arte. Assim, tal como diz Salgado, “A fotografia não precisa de tradução, você escreve, é universal. (...) E para que essa linguagem tenha o poder de transmissão ela tem que ser bem escrita, bem apresentada, bem feita e na realidade você não precisa de legenda” (IDEM). De fato, o fotógrafo é alguém que desenha com a luz, é alguém que revela a beleza das sombras e com sua arte coloca a luz tanto no objeto representado, como nos olhos daquele que a contempla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos apresentar a beleza da feiura como parte da disciplina estética. Como no senso comum, estética é considerada apenas como o estudo ou o trato da beleza, primeiramente apresentamos a conceituação da estética, a sua finalidade e a

sua estrutura. Em seguida apresentamos a temática da feiura onde mostramos que essa é uma problemática muito tratada pela história da arte bem como da estética.

Neste sentido, afirmamos com Suassuna que a feiura na arte pode ser vista como uma salvação estética e completamos com as reflexões de De Breyne que a feiura na arte possibilita ao homem uma reflexão sobre si mesmo, sobre a sua própria existência, sobre os sofrimentos e mazelas que junto com a beleza, também compõem a vida e nos chama a questioná-la.

Nesse arcabouço, trouxemos para a luz a vida e obra do artista brasileiro Sebastião Salgado, que através da sua arte fotográfica busca de forma bela e genial apresentar o feio da existência humana e tal como De Breyne afirmara, levar o seu expectador a questionar a sua condição humana, a questionar as regras e injustiças que os seres humanos muitas vezes são obrigados a vivenciar.

Nesse intento, mostramos que a arte de fotografar não pode ser reduzida somente à técnica ou a sua forma de contemplação – embora esses sejam fatores importantes -, mas que envolve todo um projeto, uma intencionalidade, uma poética, uma pesquisa, um sentimento que o autor queira representar e transmitir através da sua arte fotográfica.

Não sem utilizar uma técnica própria, pois a poética de Salgado tem características muito específicas, aos quais apresentamos acima, tal como a luz, a sombra, o enquadramento, a edição, também enfatizamos a importância da própria história do artista na composição de suas obras de arte. Aquele que se formou em economia, buscou representar a capacidade produtiva do homem; aquele que fora um migrante e refugiado, apresentou o sofrimento e a dor de tantos apátridas pelo mundo. Ainda que não retratemos aqui, esse autor, buscando um novo sentido para a sua vida, pautando pela natureza, também apresenta em seu portfólio a obra Gênesis, onde revela as maravilhas do nosso planeta.

Também revelamos que a fotografia de Sebastião Salgado, tal como uma tela de Van Gogh, de Monet ou de Picasso, tal como as sinfonias de Mozart e as composições de Franz Schubert ou assim como uma pintura de Michelangelo ou de Bernini, também move o interlocutor a uma contemplação estética, a um sentir em suas entranhas os mais profundos sentimentos.

Portanto, na estética feio e belo se encontram, fotografias, imagens e sentimentos se convergem, a contemplação estética acontece e a arte se torna viva, presente, intensa, real, não somente no objeto estético, mas na vida, na realidade e na existência da história e da condição humana.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Souza, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

CRAVO NETO, Mário. Mário Cravo Neto. In: PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira**. volume 1. São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 13-21.

ECO, Umberto. **A história da feiura**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ESTRADA HERRERO, David. **Estética**. Barcelona: Herder, 1998.

FREITAS, Janio de. **A condição de Salgado**. In: SALGADO, SALGADO, Sebastião. As Melhores fotos. São Paulo: Boccato, 1992.

HARAZIM, Dorrit. **O fotógrafo da luz**. In: Revista Veja, 12 de março de 1997. p.70- 87.

MURITIBS, Maiara. **Sebastião Salgado**. Disponível em: < http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&catid=14:folios&Itemid=10> . Acesso em: 05. out. 2016.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins fontes, 1997.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira**. volume 1. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

PIDNER, Flora Sousa. SILVA, Maria Auxiliadora. **Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico**. Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 – Ano III – 10/2014. Disponível em: < <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/Fotografias-de-Sebastiao-Salgado-grafia-poetica-e-producao-do-espaço-geográfico.pdf>. Acesso em: 07 out.2018.

SALGADO, Sebastião. [Depoimento]. **Roda Viva com Sebastião Salgado**. Programa exibido em 16/09/2013. São Paulo: TV Cultura, 2013.

_____. [Depoimento]. In: **Revelando Sebastião Salgado**. Direção: Betse De Paula. Produção: Patrícia Chamon. Brasília: TV Brasil - Empresa Brasil de Comunicação, 2012. Não paginado. Documentário (75 min.)

_____. Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Sebastião. **Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Senac, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Goya à sombra das Luzes**. São Paulo: Companhia das letras, 2014